

**DO PARNASIANISMO AO CONCRETISMO:  
A EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM LITERÁRIA  
NO CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL**

*Carla Barcelos Nogueira Soares* (UENF)  
[carla10soares@gmail.com](mailto:carla10soares@gmail.com)

*Juliana da Silva Gomes* (UENF)  
[julianajuridico10@gmail.com](mailto:julianajuridico10@gmail.com)

*Nathália Rosalino Tamy* (UENF)  
[nathytamy@hotmail.com](mailto:nathytamy@hotmail.com)

**RESUMO**

Este ensaio objetiva analisar a evolução da linguagem na sociedade tendo como ilustrações os aspectos do Parnasianismo e do Concretismo, duas escolas literárias paradoxais, que demonstram como os estilos linguísticos elitistas, rebuscados, metódicos e complexos cederam espaço a tendências simples, livres e mais acessíveis às camadas populares devido a nuances histórico-sociais. A metodologia abordada foi de revisão bibliográfica, de cunho qualitativo, com base em autores que discorrem sobre a temática em questão. O resultado da pesquisa aponta que a linguagem passa por metamorfoses ao longo do tempo, em decorrência dos desenvolvimentos sociais e que, a literatura absorve tais comportamentos. Destarte, a obra literária representa a dinamicidade linguística de cada época.

**Palavras-chave:**

Concretismo. Linguagem. Parnasianismo.

**ABSTRACT**

This essay aims to analyze the evolution of language in society having as illustrations the aspects of Parnassianism and Concretism, two paradoxical literary schools, which demonstrate how elitist, far-fetched, methodical and complex linguistic styles gave way to simple, free and complex trends, more accessible to the popular classes due to social-historical nuances. The methodology approached was a bibliographic review, of a qualitative nature, based on authors who talk about the theme in question. The research result indicates that language undergoes metamorphosis over time, as a result of social developments and that the literature absorbs such behaviors. Thus, the literary work represents the linguistic dynamism of each era.

**Keywords:**

Concretism. Language. Parnasianism.

**1. Considerações iniciais**

Em 1882, Teófilo Dias (1854–1889) publica um livro de poemas intitulado “Fanfarras”, inaugurando o Parnasianismo no Brasil que, com

o passar do tempo, se tornou elitista sendo alvo dos poetas modernistas que criticavam o “academicismo”, as formas rígidas de criação e a futilidade dos temas (LEME, 2004, p. 372). A estética do poema trabalhava a “arte pela arte” ou a “arte sobre a arte” e os poetas estavam alheios às transformações do final do século XIX e início do século XX (TERRA, 2000, p. 395).

A Semana da Arte Moderna de 1922<sup>68</sup> constituiu um importante referencial para reflexões estéticas e para a crítica da arte do país, aproximando a literatura ao povo (SOARES *et al.*, 2020, p. 12). Apresenta a linguagem de modo paradoxal, já que foi um movimento que defendia “liberdade de expressão, o rompimento das velhas tradições, a intenção de chocar pelas inovações e radicalizações que propõe” (FARACO; MOURA, 2005, p. 320), constituindo “uma tentativa de romper com todas as estruturas do passado” (TERRA, 2000, p. 484) estreando a primeira fase do Modernismo (1922-1930).

A segunda fase do Modernismo brasileiro (1930-1945), período rico na produção poética, simbolizou um amadurecimento e aprofundamento das conquistas de 1922. Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes estão entre os autores desta época. O cenário histórico mundial, inserido neste período, é composto pelo início e término da Segunda Guerra Mundial e suas consequências, a criação da ONU<sup>69</sup> e, no plano nacional, a derrubada de Getúlio Vargas iniciando um novo período da história literária no Brasil (TERRA, 2000, p. 395).

João Cabral de Melo Neto, um dos mais importantes poetas no final dos idos de 1940, não estava filiado a qualquer grupo e aprofundou as experiências modernistas anteriores. A obra “Pedra de sono” (1942) teve influência de Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes. Na poesia do primeiro poeta mencionado, há constatação da realidade de modo objetivo, no nível temático, existem três preocupações o Nordeste, a Espanha e a própria Arte. A partir da década de 1950, apresenta uma poesia mais engajada com a temática social (TERRA; NICOLA, 2004, p. 522).

---

<sup>68</sup> Foi realizada a Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo, e representou o “brado coletivo” do movimento modernista, que vinha marcando presença em diversas manifestações artísticas (TERRA, 2000, p. 376).

<sup>69</sup> Fundada em 24 de outubro de 1945, São Francisco, Califórnia, EUA.

O advento das duas Grandes Guerras Mundiais<sup>70</sup> apresentou ao mundo uma ruptura com o que se acreditava no final do século XIX e início do século XX. A crença na ciência<sup>71</sup> que existia antes do período bélico foi colocada em xeque. Esta quebra de paradigma influenciou também a literatura, visto que, na década de 1960, surgem os movimentos de contracultura. A cultura hippie e a apologia ao lema Paz e Amor, adotado por quem se opunha à guerra do Vietnã, a luta pela igualdade dos direitos da mulher, protestos estudantis pelo fim das desigualdades sociais (LEME, 2004, p. 571).

O filósofo francês Gilles-Gaston Granger (1920–2016) entende que o século XX conheceu renovações e desenvolvimentos sem precedentes, e, sobretudo, repercussões nunca antes sentidas com tamanha intensidade, seja na vida individual seja na vida social dos homens (*apud* BARTOLOTTI; RIZÉRIO, 2015, p. 104). Com o progresso da civilização tecnológica das décadas de 1950 e 1960, era mister responder às exigências de uma sociedade imersa em uma rapidez das transformações, então, Haroldo de Campos (1929–2003), Augusto de Campos (1931) e Décio Pignatari (1927–2012) lançam a Poesia Concreta. Nesse percurso histórico sobre a literatura, é possível perceber que a linguagem poética acompanha os movimentos históricos mundiais e nacionais, já que a objetividade e o culto a forma presentes na poesia Parnasiana são descartadas. Sob o olhar funcionalista da linguagem, Martelotta (2010, p. 58) aponta que as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico, porque a língua reflete uma adaptação às diferentes situações comunicativas. Este ensaio tem o propósito de abordar a linguagem do Parnasianismo e do Concretismo com o fito de analisar como desenvolvimento da linguagem nos poemas atende ao contexto histórico-social em que ambos se inscrevem.

## **2. Poesia parnasiana: principais características**

A poética parnasiana está embasada no binômio objetividade temática e culta da forma. A primeira constitui uma negação ao sentimento romântico que tentava atingir a impassibilidade e a impessoalidade, opu-

---

<sup>70</sup> A Primeira Guerra (1914–1918) e a Segunda Guerra (1939 a 1945).

<sup>71</sup> Algo indubitável que foi colocado em xeque com as consequências das duas Grandes Guerras Mundiais devido a geração de morte e destruição criadas a partir dos aparatos científicos e tecnológicos da época.

nha ao subjetivismo decadente o que resulta de uma poesia carregada de descrições objetivas e impessoais. Enquanto a segunda retoma a Antiguidade Clássica e seu racionalismo com formas fixas e perfeitas (ERNANI; FLORIANA; NICOLA, 2001, p. 421) representadas pelos sonetos; a métrica dos versos alexandrinos (12 sílabas poéticas) e decassílabos perfeitos; a rima rica, rara e perfeita com inclinação ao preciosismo vocabular. Tudo isso contrapondo-se aos versos livres e brancos cultivados pelos poetas românticos. Em suma, é o endeusamento da Forma (TERRA; NICOLA, 2001, p. 429) conforme pondera Olavo Bilac:

“Assim procedo. Minha pena  
Segue esta norma.  
Por te servir, Deusa Serena,  
Serena Forma.” (BILAC, Olavo. *Profissão de fé*. 1996)

O culto da forma pode ser analisado sob outro viés: assim como o Parnasianismo resistia às transformações na sociedade, resistia também às mudanças que a penetração do cientificismo acarretava na concepção de literariedade (PITA, 2002, p. 92). Santos (2010) expõe que:

A cidade do Rio de Janeiro passou por inúmeras transformações entre fins do século XIX e início do XX, destacando-se a reforma urbana ocorrida na gestão do prefeito Pereira Passos. O deslocamento da população pobre em direção às favelas e, sobretudo, ao subúrbio carioca, em favor dos interesses dos capitais que se apropriavam da cidade, contribuiu para o nascimento de novas formas de manifestações culturais populares (SANTOS, 2010, p. 10)

Diante desse quadro, o autor parnasiano procurava se debruçar sobre a norma culta da língua aplicada ao poema emergindo, assim, a poesia de meditação, filosófica, no entanto, artificial, que estava concentrada na mensagem e no código. Ademais, no Brasil, esta escola literária acontecia concomitante com o Naturalismo e existia uma reação aos chavões românticos que dominava a poesia. Portanto, no olhar de Pita (2002), a ascensão do Parnasianismo entre nós se justifica não só pelo afã produtivista das elites do século XIX, mas pela real exaustão dos movimentos a que se contrapunha.

Desse modo, o rigor gramatical, o vocabulário culto, a linguagem erudita, a rigidez na metrificação buscando a perfeição pela correção gramatical se inscrevem na poesia Parnasiana e constituem traços marcantes desta escola literária. A gênese do Parnasianismo acontece no lumiar da década de 1880, correspondendo a um desejo generalizado de elegância ligado à modernização urbana do país, sobretudo sua capital, Rio de Janeiro. Essa cultura acadêmica, geralmente sancionada pelos Po-

deres, teve a utilidade de estimular, por reação, o surto transformador do Modernismo, a partir de 1922 (CANDIDO, 2004, p. 78-9).

No contexto histórico-social, em 1922, na cidade do Rio de Janeiro, teve início o Movimento Tenentista, também conhecido como 18 do forte. Esse movimento surgiu como oposição ao cenário político da época - conhecido como República do Café com Leite, que nada mais era do que “um acordo firmado entre as oligarquias estaduais e o governo federal – o presidente do Brasil era escolhido entre políticos de São Paulo e Minas Gerais” (NUNES *et al.*, 2019, p. 4).

O movimento tenentista foi caracterizado como um movimento predominante militar, com apoio de setores civis durante as manifestações. As precárias condições das forças armadas, além do precário panorama social da maioria da população foram determinantes para que os tenentes responsabilizassem os políticos pela situação complicada enfrentada pelo país (FAUSTO *apud* FAGUNDES, 2010, p. 127). Em 1922, também acontece a Semana da arte Moderna que parece desnudar as problemáticas sociais, dando a literatura um novo olhar sobre a forma de se expressar, atento às questões sociais.

### 3. *A gênese da poesia concreta*

Falar sobre a história da poesia concreta – ou do movimento denominado Concretismo – significa falar também um pouco sobre a história mundial, pois esse tipo de poesia se configura como um amplo conjunto internacional de poemas. Sendo assim, o Concretismo não se relaciona a uma nacionalidade específica, e sim, uma produção poética internacional. Surgiu a partir da Segunda Guerra mundial, podendo ser entendida como uma ampla variedade de novas experiências formais levadas a sério por poetas de muitos países (REIS, 1998, p. 28).

Transformações de aspectos políticos, tecnológicos e científicos, principalmente, com desenvolvimento significativo das mídias, como a televisão e especialmente o microcomputador, além da telefonia móvel (BARTOLOTTI; RIZÉRIO, 2015, p. 104) que emergiu no século XX desencadeavam em todo o mundo, fatos que contribuíram para o surgimento do Concretismo. No Brasil, o presidente Juscelino Kubitschek estava no poder e promoveu grande incentivo ao setor automobilístico, a partir da abertura do país para investimentos estrangeiros<sup>72</sup>. Ademais, foi res-

---

<sup>72</sup> Dados retirados do Portal Educação.

ponsável pela construção de Brasília, que mais tarde se tornou a capital do Brasil substituindo a cidade do Rio de Janeiro.

Aspectos culturais e artísticos também sofreram profundas transformações nesse período, novas maneiras de fazer música, cinema, arte, literatura e teatro começaram a ser pensadas, além dos que existiam até então. Em algumas situações, movimentos emergidos em décadas passadas se consolidaram. O surgimento da Bossa Nova é um exemplo significativo de transformação cultural – mais especificamente na música - que ocorreu no Brasil na década de 1950. O cinema e o teatro também passaram por transformações, com o surgimento do *Teatro de Arena* nas décadas de 1950 e 1960 e o *Cinema Novo* dos anos 1960 e 1970. No campo literário, Nicola, Floriana e Ernani (2002) explicam:

Acompanhando o progresso de uma civilização tecnológica e respondendo às exigências de uma sociedade impelida pela rapidez das transformações e pela necessidade de uma comunicação cada vez mais objetiva e veloz, as décadas de 1950 e 1960 assistiram ao lançamento de tendências poéticas caracterizadas por inovação formal, maior proximidade com outras manifestações artísticas e negação do verso tradicional. A mais importante dessa tendência foi a **poesia concreta**. (NICOLA; FLORIANA; ERNANI, 2002, p. 503)

Esse foi o pano de fundo para o surgimento do Concretismo no Brasil, por volta de 1950. Teve como características mais visíveis, o caráter experimental e a discussão teórica desenvolvida pelos poetas concretistas, que, no entendimento de Costa (1995 p. 11), “configuram, na metade do século, um momento privilegiado de reflexão sobre os caminhos da poesia brasileira”. Essa ampliação do campo poético diz respeito ao uso reduzido da linguagem, proporcionada pelo Concretismo e configurando-se como um divisor de águas entre a correntes literária firmadas desde as últimas décadas do século XIX.

#### **4. Do parnasianismo ao concretismo: a linguagem**

A língua, sob o olhar de Saussure (1857–1913), é um sistema supraindividual utilizada como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade. A linguagem, para esse mesmo autor, se apresenta uma face de Janus: sob uma vertente existe o lado social, a língua ou *langue* e de outra o individual fala ou *parole*, sendo impossível concebê-las separadamente. Sendo uma atividade sociocultural que evolui em consonância com a sociedade ao longo do tempo.

A poesia parnasiana no Brasil sob o viés de Ernani, Floriana e Niccola (2002, p. 421) manteve seus poetas a margem dos conflitos sociais, foi uma influência francesa e não passava de uma alusão às antologias publicadas na França a partir de 1866 com o título de “Parnasse Contemporain”. Para atender a esta demanda, a linguagem do poema Parnasiano concentra-se no rebuscamento vocabular conforme demonstra o soneto do poeta do Parnasianismo Olavo Bilac (1865–1918):

LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,  
És, a um tempo, esplendor e sepultura:  
Ouro nativo, que na ganga impura  
A bruta mina entre os cascalhos vela...  
Amote assim, desconhecida e obscura,  
Tuba de alto clangor, lira singela,  
Que tens o trom e o silvo da procela  
E o arrolo da saudade e da ternura!  
Amo o teu viço agreste e o teu aroma  
De virgens selvas e de oceano largo!  
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,  
Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"  
E em que Camões chorou, no exílio amargo,  
O gênio sem ventura e o amor sem brilho! (BILAC, Olavo. *Obra reunida*. 1996)

No poema parnasiano, a língua portuguesa percorre o cânone da norma-padrão como um produto homogêneo, como um jogo de armas em que todas as peças se encaixam umas nas outras, sem faltar nenhuma (BAGNO, 2007, p. 30). Sob o olhar de Silva (2013) o soneto de Olavo Bilac retrata a valorização de uma linguagem culta e com perfeição formal, que se difere por conservar uma forma fixa, constituída de 14 versos, dois quartetos (4 versos) e dois tercetos (3 versos) com a estética literária cuja trajetória segue o esquema de versos decassílabos com acentuação nas 6º e 10º versos. Silva (2013) pondera que

[...] Há presença de rimas interpoladas e emparelhadas do tipo ABBA, sendo perfeitas e soantes, como Bela/Fera; Sepultura/Impura. Rimas ricas, pois pertencem a categorias morfológicas diferentes, como Bela (adjetivo) e Vela (verbo), Sepultura (substantivo) e impura (adjetiva), e cruzadas ou alternadas CDC, em Aroma/Amargo; Filho/Brilho. (SILVA, 2013, p. 148)

Com tais características, Bilac ressalta a língua portuguesa como a última língua originária do latim e faz alusão a Camões, que no século XVI, conferiu à língua portuguesa um padrão literário. Para Candido (2004), sob a égide da literatura, o Parnasianismo foi uma barreira que petrificou a expressão, criando um hiato largo entre a língua falada e a língua escrita, além de favorecer o artificialismo que satisfaz as elites,

porque marca distância em relação ao povo. Silva (2013) esclarece, ainda, que

[...] os poetas da época não tinham a oportunidade de expressar suas ideias através de textos livres, pois estavam sempre presos á padrões de valorização estética. O importante não era produzir uma arte que representava a livre expressão, e sim partir sempre do pressuposto de criação literária que consagrava a forma sobre conteúdo. (SILVA, 2013, p. 149)

Neste viés, pode-se salientar que o uso da língua, no Parnasianismo, se caracteriza pela petrificação do uso das palavras para encenar uma linguagem rica e rebuscada, resultando em um elitismo vocabular. No entanto, sob a concepção da sociolinguística, Bagno (2007) aponta que

[...] a língua está sempre em desconstrução e em reconstrução, contrapondo-se a um produto acabado de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente nunca concluído, uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita. (BAGNO, 2007, p. 30)

a desconstrução e reconstrução da língua portuguesa aflora com a Semana da Arte Moderna em 1922 que inaugura a irreverência vocabular que se instalou até nossos dias na poesia, uma vez que foi constituída de sátiras, protestos, crítica aberta ao modelo Parnasiano, por meio do poema “Os sapos” de Manuel Bandeira que foi apresentado no evento por Ronald de Carvalho (TERRA, 2000, p. 376). Tal evento introduz o Modernismo no Brasil que se subdividiu em primeira fase (1922–1930), segunda fase (1930 a 1945). A partir de 1945, nas palavras de Terra (2000), principia o Pós- Modernismo e se instaura as Vanguardas Poéticas com o fito de acompanhar o progresso de uma civilização tecnológica emergindo, desse modo, a Poesia Concreta.

Neste contexto, nos idos de 1956, foi lançada, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, uma exposição de Arte Concreta. De acordo com Silva (2013, p. 121) a poesia concreta nasceu sob o signo da ruptura e da negação vanguardista, o que a predispôs, como é comum nessas formas artísticas, a um violento embate com alguns setores da sociedade, da crítica literária e artística e da própria criação poética então dominante. Essa tendência foi ensaiada por Oswald de Andrade (1890–1954) e João Cabral de Melo Neto (1920–1999) que são considerados os percussores do Concretismo. Este por inaugurar uma nova forma de fazer poesia com linguagem direta, econômica e arquitetura funcional de versos e aquele por produzir poemas radicais, rompendo com o vício retórico nacional herdado do século XIX. Contudo, os fundadores da Poesia Con-

creta foram Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos<sup>73</sup> que trabalhavam juntos desde 1952, ano da publicação de cinco números de antologias sobre a Poesia Concreta no lançamento da revista-livro “Noigandres”. A proposta do concretismo era retomar as inovações das vanguardas europeias e as propostas revolucionárias de 1922. O Concretismo interveio na ordem estabelecida do cenário literário brasileiro e o desestabilizou com a reintrodução do espírito reformador do Modernismo de 1922, propondo formas alternativas de composição poética caracterizadas pela mistura das linguagens verbal e visual (BUORO, 2020, p. 9), ou seja, linguagem mista. Esta estética composicional quebra o paradigma da estrutura de poema anterior que, de acordo com Odilon (2004, p. 575), por muito tempo, foi organizada por uma sucessão de versos cuja significação do poema decorre do sentido de cada palavra e das relações que a sintaxe estabelece sobre elas por meio do discurso. Odilon (2004) declara que

[...] o Concretismo rompe com a tradição e procura trabalhar o “corpo” do poema da palavra. Não mais lugar para enunciados “discursivos”, em que os elementos se sucedem num encadeamento lógico-gramatical linear. A palavra é vista como um objeto que encerra múltiplas significações. (ODILON, 2004, p. 575)

Desse modo, a poesia concreta cultiva o poema-objeto utilizando múltiplos recursos: o acústico, o visual, a carga semântica, o espaço tipográfico e a disposição geométrica dos vocábulos na página (TERRA, 2000, p. 453). Vale salientar que, no contexto histórico sócio-cultural da época, vigorava o terceiro período da Revolução Industrial Brasileira (1930-1956) que resultou em uma crise geral do artesanato Nicole e Terra (2001) expõem que

[...] os concretistas defendiam a abolição da tirania do verso e a proposta de uma sintaxe estrutural, na qual o branco da página, os caracteres tipográficos e suas disposição no papel assumam relevo, embora se mantenha ainda o discurso e mesmo o verso, apenas dispersado (NICOLE; TERRA, 2001, p. 525)

Assim, nas palavras de Bakhtin (2011, p. 294) que em cada época, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom como as obras de arte, a ciência, o jornalismo nas quais as pessoas se baseiam, imitam e seguem. Tais enunciados foram as nuances históricas no decorrer das décadas que permitiram o progresso da linguagem e, consequen-

---

<sup>73</sup> Também integraram a corrente concretista José Lino Grünewald, Ronaldo Azevedo, Edgar Braga, Pedro Xavier.

temente, a emersão de uma nova forma de fazer poesia. Sob o viés de Buoro (2020):

É preciso observar de perto como o Concretismo brasileiro concebe a forma do poema considerado verbivocovisual. Ou melhor, como a concebeu no momento de instauração da nova poética, uma vez que essa forma foi forçosa e paulatinamente alterada pelas circunstâncias de produção e recepção ao longo do tempo. Trata-se, pois, de um ideal de forma, que se deseja aplicável a todos os poemas produzidos sob a designação de poesia concreta. Defendida pelos poetas fundadores e usada genericamente como modelo interpretativo, a forma singular foi uma estratégia necessária à criação e à elaboração crítica no contexto de vanguarda. (BUORO, 2020, p. 22)

O leitor, assim, passa a ser coautor da Poesia Concreta, já que uma das características do Concretismo é incitar o leitor, exigindo dele uma participação na leitura, pois o poema concreto exige uma leitura múltipla sendo um desafio. Isto porque o jogo de palavra e sua estruturação na folha em branco instaura uma linguagem multiforme. No Plano-piloto para a poesia concreta, documento programa do movimento, publicado em 1958, Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo Campos caracterizam a Poesia Concreta como: produto de uma evolução crítica de formas; tensão de palavras-coisas no espaço-tempo; estrutura dinâmica com multiplicidades de movimentos concomitantes; uma responsabilidade integral perante a linguagem, realismo total (NICOLE; TERRA, 2001, p. 525). Odilon (2004) explica que

[...] A expressividade do poema vem da própria materialidade sonora e visual da palavra, que, quando trabalhada com habilidade, se revela e impõe aos sentidos, compondo arranjos, estabelecendo sequências e correspondências insuspeitadas. A leitura, muitas vezes deve ser feita não horizontalmente, mas verticalmente ou em diagonal, relacionando campos opostos e/ou complementares. (ODILON, 2004, p. 575)

Desse modo, a poesia passa ser a manifestação da linguagem a consciência fala, a relação entre palavra e pensamento é intrínseca e absoluta (BOURO, 2020, p. 20). Diante disso, o Concretismo procura trabalhar a percepção e a sensação do leitor que pode ler e interpretar o poema de modo subjetivo agindo ativamente sobre a obra.

Heidegger (1889–1976), filósofo, escritor, professor universitário e reitor alemão, defende que a poesia deve atravessar todas as artes e toda a vida humana e colocar o homem a caminho de um novo descobrimento (BARTOLOTTI; RIZÉRIO, 2015, p. 105). Monteiro (2000, p. 17) advoga que a própria língua, como sistema, acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço. Assim se explicam

os fenômenos de diversidade e até mesmo de mudança linguística. A Poesia Concreta parece ecoar tais pensamentos. Vejamos a Poesia Concreta de Augusto de Campos, exposta na figura 1.

Figura 1: Poesia Concreta de Augusto de Campos



Fonte: Revista Artesoul.

Bosi (1994) explica que, na poesia Concreta, há uma desenvoltura autoirônica, exploração das semelhanças sonoras (paronomásia), no pressuposto de que existem relações não-arbitrário entre as relações entre o significante e o significado. Este mesmo autor elucida que:

Se procurarmos um princípio linguístico geral subjacente aos processos compositivos, ressaltará, sem dúvida o da substituição da estrutura frásica, peculiar ao verso, por estruturas nominais: estas por sua vez se relacionam espacialmente, tanto na direção horizontal quanto na vertical. (BOSI, 1994, p. 478)

Na poesia de Augusto de Campos (1965) acima, é possível verificar tais peculiaridades descritas por Bosi (1994). No Manifesto da Poesia Concreta (1958) os autores Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos definem a poesia concreta como o “produto de uma evolução crítica de formas, dando por encerrado o ciclo histórico do verso (unidade rítmico-formal)<sup>74</sup>”. Para Reis (1998):

[...] permite a poesia concreta comunicar com uma objetividade idêntica à da forma científica, além de ter reflexo noutros usos da linguagem, como o mundo da publicidade e dos *mass media*, que são igualmente formas de expressão e comunicação assente em formas internacionais. (REIS, 1998, p. 28)

A linguagem poética revela a existência de dois elementos que agem no agenciamento fônico: a escolha e a constelação dos fonemas e de seus componentes; o poder evocador destes dois fatores ainda que fique escondido, existe, portanto, de maneira implícita no nosso comportamento verbal habitual (JAKOBSON, 1971, p. 114). Na Poesia Concreta o uso da língua que permeia o espaço da folha trabalha o plano verbal e o

<sup>74</sup> Cf. Bosi (1994, p. 332).

visual e o poeta inova nos campos da semântica, sintático, léxico, morfológico, fonético e topográfico (BOSI, 1994, p. 477).

Ante ao exposto, vale ponderar que a linguagem está a serviço da sociedade, ou seja, por meio dos fatores histórico-sociais há uma evolução da língua através do tempo. Em referência aos poemas parnasianos e à Poesia Concreta, importa ressaltar que tal ascensão ocorre sob o viés vocabular e na forma de se elaborar o poema e a poesia. Esse avanço se deu para que a linguagem literária acompanhasse o percurso histórico o que a torna flexível, heterogenia e pragmática.

### 5. *Considerações finais*

Das questões suscitadas neste manuscrito, a partir de uma análise linguística, pode-se considerar que a *langue* (fala social) influencia no fazer literário, isto porque entre o final do século XIX e início do século XX o Parnasianismo que prezava pelo culto da forma, linguagem rebuscada, impassibilidade, impessoalidade e esvaziamento de questões sociais com poetas considerados alheios aos movimentos histórico-sociais da época tinha espaço nas elites sociais da daquele tempo.

Porém, com o advento das duas Grandes Guerras Mundiais, a sociedade inicia um novo olhar sobre diversas questões e, na literatura, a Semana da Arte Moderna de 1922, constituiu um divisor de águas no emprego da linguagem nas obras literárias, uma vez que aconteceram reflexões sobre a estética com críticas ao modelo Parnasianismo. Assim, foi inaugurado o Modernismo que teve duas vertentes a primeira fase (1922–1930) e a segunda fase (1930–1945) contendo características próprias e tornando as peculiaridades do Parnasianismo cada vez mais distante. Em meio a esta efervescência literária, a evolução da linguagem que permeava o corpo social começa a fazer integrar a literatura.

Nas décadas de 1950 e 1960, as inovações científicas e tecnológicas à civilização e o incremento da televisão, do microcomputador, da telefonia móvel na sociedade, a criação do Teatro de Arena e do Cinema Novo paralelo ao contexto histórico-social pós-guerra, trouxe à lume uma linguagem mais despojada, voltada para o povo que, na literatura, mais especificamente, na poesia, se fez presente por meio da Poesia Concreta de Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari.

Ante ao exposto, com este estudo, foi possível perceber que a evolução linguística abarca as diversidades da sociedade em seu contexto

histórico e emana novas expressões, vocabulários, comportamentos que deram lugar a uma poesia simples, despojada e com vocabulário acessível ao povo que se faz presente na poesia Concreta. Assim, a linguagem deve ser considerada como parte integrante de um processo histórico-social.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX, Márcia. A visualidade na poesia: os precursores do concretismo. *Rev. de Letras*, v. 19, n. 92. 1/2 – jan/dez 1997.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso – Por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007. 240p.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Ermantina Galvão; rev. trad. de Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BILAC, Olavo. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1996.

BORTOLOTTI, Karen Fernanda; RIZÉRIO, Rodrigo. *Filosofia e ética*. 1. ed. Rio de Janeiro: SESES, 2015,

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BUORO, Thiago. *A outra direção concretista: o espacialismo de Ilse e Pierre Garnier*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2020. 240f.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. 4. ed., Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. 9. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

CEZÁRIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 1. ed. 3ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2010.

COSTA, Edson José da. O Movimento da Poesia Concreta e a Poesia Brasileira Contemporânea. *Letras*, n. 44, p. 11-23. Curitiba: UFPR, 1995.

FARACO, Carlo Emílio; MOURA, Francisco. *Português projetos*. Vol. único. 1. ed. São Paulo: Ática, 2005.

- FAGUNDES, Pedro Ernesto. Movimento Tenentista: um debate historiográfico. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 108. Maio de 2010
- FIORIN, José Luiz. *Linguística? Que é isto?*. São Paulo: Contexto, 2013.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- KORNIS, Mônica Almeida. *O Brasil de JK > Sociedade e cultura nos anos 1950*. São Paulo: FGV CPDOC.
- LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos linguísticos fundamentais*. Trad. de Gilda Maria Corrêa de Azevedo, Petrópolis: Vozes, 1972.
- LEME, Odilon Soares. *Linguagem, Literatura, Redação*. 1. ed. São Paulo: Ática. 2004.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. 1. ed. 3ª impr. São Pulo: Contexto, 2010.
- MONTEIRO, José Lemos. *Para Compreender Labov*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.
- NUNES, Júlio Cesar Alves Pereira *et al.* A Gênese do Movimento Tenentista e o Primeiro “5 de Julho”: Memórias do “revolucionário”. In: Delso Mendes Da Fonseca. ANPUH-Brasil – 30º Simpósio Nacional de História – Recife 2019.
- ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.
- REIS, Pedro. *Poesia Concreta: uma prática intersemiótica*. Porto: Edições UFP. 1998.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa Gramática: teoria e prática*. 26. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.
- SANTOS, Natália Cabral dos. A Cultura Suburbana na Cidade do Rio de Janeiro entre o Final do Século XIX e Início do Século XX (1870–1930). *XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO Memória e Patrimônio*, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2010.
- SCHERER, Lílian Cristine; GABRIEL, Scherer1 Rosângela. Processamento da linguagem: contribuições da neolinguística. *Signo*, v. 32, n. 53, p. 66-81, Santa Cruz do Sul, dez, 2007.

SILVA, Isadora Cristiana Alves. Análise crítica-reflexiva da linguagem e dos aspectos formais e estéticos que compõem o poema “Língua Portuguesa” de Olavo Bilac em interrelação com a Linguística Moderna. *Revista Diálogos*, n. 10, Novembro, 2013.

SOARES, Carla Barcelos Nogueira, COUTO, Gisele Manhães do; LUQUETTI, Eliana Crispim F. O emprego do pronome oblíquo átomo proclítica à luz da sociolinguística. *Letras e linguística [recurso eletrônico]: estrutura e funcionamento 2*. Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. Ponta Grossa-PR: Atena, 2020.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1999.

TERRA, Ernani. *Gramática e Literatura*. São Paulo: Scipione, 2000.

\_\_\_\_\_; NICOLA, José de. *Gramática e Literatura*. São Paulo: Scipione, 2000.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Português: de olho no mundo do trabalho*. Vol. único, São Paulo: Scipione, 2004.

Outra fonte:

MUNDO EDUCAÇÃO. Poesia Concreta. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/poesia-concreta.htm>.